PADRE IBIAPINA

Padre Antônio Vieira

Padre José Antônio de Maria Ibiapina, nascido em 1806 falecido em 1883, com 77 anos, teve uma vida tumultuária, de altos e baixos, de trepidante agitação interior e de vulcânica atividade apostólica.

Foi o maior revolucionário do Nordeste, dando ao sertanejo o direito de cidadania sobre a sua consciência, sobre a sua vontade, com a maturidade para ser dono da sua liberdade, do seu destino. Ensinou o Nordeste a trabalhar sem os grilhões da escravidão e sem a exploração dos latifundiários e donos do poder. Peregrinou grande parte do Nordeste, e por onde passava e onde esteve, deixou cristalizado, na terra adusta e árida, uma obra de grande alcance social, e na consciência do povo, a semente de uma renovação de mentalidade, de hábitos, de costumes, de convivência humana, na solidariedade e na fraternidade social e cristã.

Duas fatalidades marcaram a personalidade deste homem extraordinário:

a) a turbulência vulcânica do seu espírito e temperamento, que o transformou num nômade, não apenas pela vocação andeja de peregrino, mas também pela inquietude espiritual, psíquica, sentimental e revoltada de não se fixar nas funções e cargos, que ocupou na vida pública, ou exerceu na sua vida particular;

b) pelo infortúnio da adversidade, que sempre acompanhou os seus passos e o seu destino, mesmo antes do nascimento até à maturidade. Seu pai, como era tradição patriarcal do tempo, fora destinado à vida religiosa, contra a pró-

pria vontade pessoal, e por isso fugiu de casa, raptando uma jovem da sua idade, com quem contraiu matrimônio.

Ibiapina, ainda em tenra idade, teve que acompanhar o pai, em suas andanças, funcionário público transferido para Icó, mais tarde para Crato, finalmente para Fortaleza, quando participou da Confederação do Equador, tendo sido preso, processado e fuzilado em maio de 1825, no Passeio Público. E o mesmo destino teve o seu irmão mais velho, degredado para a Ilha Fernando de Noronha onde foi barbaramente assassinado. Já em 1823, sua mãe havia falecido de parto.

Ibiapina, então, foi obrigado a abandonar os estudos para assumir a paternidade adotiva dos seus irmãos menores. Desembaraçado desse compromisso familiar, tentou casar-se com Carolina, filha de Tristão Gonçalves, outro mártir como seu pai, da Confederação do Equador, mas esta desfez os idílios amorosos, casando-se com outro pretendente.

Em 1827, retorna aos estudos, formando-se em Direito, em 1832, e de imediato professor na Faculdade de Direito, de Olinda. Foi deputado federal pelo Ceará, em 1834 a 1837, e seu posicionamento de independência cívica e política, e de bravura moral, chegou a acusar o Ministro da Fazenda pelo desfalque do Tesouro Nacional, requerendo que os fatos fossem apurados com seriedade, o que marcou o fim da sua carreira política. Ontem como hoje, os que denunciam os crimes de peculato são os prejudicados, e promovidos os marajás do erário público. Político, geralmente, é como o feijão n'água, só sobem os podres.

A partir daí, passou a exercer as funções de Juiz de Direito e Chefe de Polícia, em Quixeramobim, cuja comarca pouco tempo depois, abandonou, decepcionado e, em protesto ao próprio Governo Provincial, que protecionava e acobertava os criminosos e os bandidos, que infestavam o sertão.

Volta a Recife, advogando de 1840 a 1850, tornando-se um exemplo de profissional honesto, dedicado e culto. A perda de uma questão cível, que julgou injusta a decisão judicial, fê-lo abandonar a profissão e recolher-se à solidão, de onde saiu ordenado padre em 1853, ocupando de imediato a cadeira de Eloqüência, no Seminário de Olinda e Vigário Geral da Diocese.

Mas a inquietação interior, que fermentava dentro de si, os brios revolucionários herdados do pai e do irmão, com os imperativos da sua fé, despertaram nele aquele convite do

Cristo: Ide e ensinai — transformando-o no missionário, que se adentrou pelo sertão para cumprir também a sua destinação de cigano de Deus, apóstolo da fé, do amor, da caridade.

Para dimensionar o trabalho missionário do Padre Ibiapina, como o maior apóstolo do sertão e o maior revolucionário social do Nordeste, importa situá-lo no tempo e no espaço geográfico, no domínio das estruturas econômicas feudatárias ou sesmariais, da ausência total da presença da autoridade estatal ou jurídica, onde somente os donos da terra, sempre arrimados no grupo de capangas e desordeiros, ditavam as leis e faziam cumpridas, a ferro e fogo.

Padre Ibiapina, com os lampejos da sua genialidade, com a cultura polimorfa que possuía, com os valores carismáticos da sua personalidade, poderia ter desfrutado das mais elevadas posições no mundo político, religioso, jurídico e cultural do País. Renunciou a tudo isto para identificar-se com os pobres, os humildes sertanejos, os párias sociais e libertá-los da condição de escravos, em que viviam mergulhados.

Foram 30 anos de peregrinação, de cidade em cidade, de vila em vila, onde construiu, em sistema de mutirão, de trabalho comunitário: 22 Casas de Caridade, 14 igrejas, 8 cemitérios, 9 açudes ou aguadas, afora outras obras de pequeno porte. As Casas de Caridade eram ao mesmo tempo orfanato, escola de letras, de arte, de corte e costura, de rendas e bordados, artesanato, educação moral e doméstica, catequese e outras modalidades de promoção humana.

A semente plantada produziu frutos cem por um, segundo a parábola evangélica do Bom Semeador. Ainda hoje as Casas de Caridade continuam atuantes, através das mutações sociais e educacionais dos tempos modernos, transformadas em hospitais, casas de saúde, ambulatórios, centros maternais, colégios, dispensário para os pobres, escolas profissionais, centros de treinamento, patronatos, e tantas outras atividades assistenciais.

Padre Ibiapina foi o homem profético que fez o passado avançar no tempo, e o futuro antecipar-se para atualizar o homem nas grandes renovações humanistas, sociais, culturais e econômicas dos nossos dias.

(Do Jornal *O POVO* - Fortaleza, 9.11.87)